

Sobre o projecto de mães e pais adolescentes

Gonçalo Costa¹

O projecto de apoio a mães e pais adolescentes surge no âmbito do Espaço «Tenho uma dúvida», resposta social do Centro Comunitário da ASDL. Este Espaço tem como objectivos informar, orientar e apoiar os/as jovens de uma maneira geral, e grávidas e mães/pais adolescentes de um modo específico, em assuntos relacionados com a saúde e com questões gerais de desenvolvimento e gestão emocional neste grupo etário, nomeadamente, a sexualidade, os relacionamentos amorosos, o consumo de substâncias, a amizade, a relação com os pais e a família. No caso particular das grávidas e mães adolescentes e dos pais adolescentes, apoiar na concretização de um projecto de vida que compatibilize as necessidades e exigências que se colocam à/ao jovem enquanto mãe/pai e enquanto adolescente.

Neste sentido, os acompanhamentos com estes jovens abordam questões relacionadas, entre outras, com a preparação para o parto, cuidados de saúde e de higiene com o bebé, apoios sociais e direitos durante a gravidez e maternidade/ paternidade; gestão financeira; promoção de projecto de vida relacionado com formação e emprego; sexualidade e contracepção; amamentação e alimentação do bebé; desenvolvimento infantil; promoção da auto-estima da criança; vinculação entre pai/mãe e bebé; comunicação com o bebé; questões sobre aprendizagem através do jogo e da brincadeira; disciplina e gestão de comportamentos; resolução de conflitos relacionados com a dualidade dos papeis de mãe/pai e ao mesmo tempo de adolescente. Acompanhámos em 2008, 11 mães e pais adolescentes, tendo existido articulação com os/as técnicos de acção social, da creche familiar e de outros equipamentos sociais, da EMAT, da CPCJ de Almada e da UNIVA.

Ao mesmo tempo existe uma promoção de encontros entre técnicos de várias instituições que trabalham nesta área, organizando-se num Grupo de Reflexão e Trabalho sobre Gravidez e Maternidade na Adolescência. Num desses encontros, o tema abordado foi a «Paternidade na adolescência», organizado e dinamizado pela

¹ Psicólogo na ASDL

ASDL, com avaliação bastante positiva por parte das instituições participantes. Poderá eventualmente ser interessante para debate posterior, que só nos últimos anos é que a investigação (e sobretudo a intervenção técnica) tem vindo a debruçar-se mais nas questões relacionadas com a paternidade, com o papel do pai, com as preocupações, ansiedades, angústias (ou a falta delas) destes elementos masculinos. A equipa técnica tem vindo assim a integrar nos acompanhamentos o «pai adolescente» em vez cingir o apoio unicamente ao conceito de «Maternidade na Adolescência». Há uma tentativa de mudar alguns dos paradigmas dentro deste universo da reprodução, que ainda está intimamente associado às mulheres e raparigas e exclui o papel do pai ou ainda se focaliza pouco no sofrimento deste: nas pressões exercidas para que seja um bom chefe de família e providencie o dinheiro para o agregado ou no pouco envolvimento no processo de gravidez e na assistência ao parto por exemplo. Um caso que pode ilustrar algumas destas dinâmicas, é o caso da Joana e do André, nomes fictícios de jovens que usufruem do acompanhamento na ASDL e que passo a expor:

A Joana é uma jovem de 15 anos que engravidou depois de ter conhecido o André de 18 anos, numa festa de verão. Já se conheciam de vista, noutras festas da comunidade angolana. André diz não se sentir ainda preparado para ser pai. Nunca tinha pensado em viver com Joana como casal e com uma filha. Sabe que terá de ser responsável, mas ao mesmo tempo acha que ainda tem «muita vida para viver e para se divertir», para conhecer mais «damas». Os dois não são namorados, foi apenas uma «curte» de verão e aconteceu porque «fomos burros». Por sua vez Joana, apesar de preocupada, dizia sentir-se preparada para a maternidade. Desde pequena que cuida de bebés: dos primos, sobrinhos, irmãos pois a família é muito numerosa. Diz ainda que «na sua família as mulheres já estão preparadas para isto». Acha que vai ser uma boa mãe. Os seus principais medos são perder os amigos da escola, perder o ano e uma formação que lhe garanta um futuro melhor. Além do medo de que, no dia do parto, aconteça alguma coisa a si e à bebé. Foi viver para a casa do André por imposição familiar. A relação com a sogra no início não era muito boa. Em casa desta, parte da família é originária da Guiné-bissau, pelo que o choque cultural, segundo a Joana foi considerável. No início praticamente não comia nada, pois não gostava da forma como cozinhavam os alimentos. Demonstrava algum receio em que isso viesse a trazer muitas discussões na família. Apesar de se sentir uma intrusa, dizia que a família dos sogros a

acolhia bem. Foram trabalhadas com estes jovens algumas competências no que diz respeito à preparação para a gravidez e parto, a encontrar formas eficazes de gerir conflitos familiares e gerirem os apoios sociais. Ao longo da gravidez, a relação da Joana com a sogra foi-se tornando melhor ao passo que o André saiu durante uns tempos de casa para ir trabalhar longe e juntar algum dinheiro. O jovem sente que é responsável pela bebé, mas que ainda não estava preparado para isto. Que trabalhar ou encontrar um curso é obrigatório mas que ainda é muito novo, achando que a Joana está mais preparada e apoiada para o nascimento e que o bebé é mais dela que dele...

A propos do projet mères et Peres adolescents

Gonçalo Costa²

Le projet de soutien aux mères et pères adolescents a pris son sens dans le cadre du « tenho uma dúvida » (j'ai un doute), recours social du Centre Communautaire de l'ASDL. D'une manière très général, ce lieu a comme buts informer, orienter et donner son support aux jeunes, et plus spécialement le faire avec les jeunes enceintes et les mères/pères adolescents. Sont abordés les thèmes les plus divers, concernant la santé et les d'une façon large les questions de développement et gestion émotionnels caractéristiques de cet âge, comme la sexualité, les relations amoureuses, la consommation de substances interdites, l'amitié, les relations avec les parents et la famille. Dans le cas particulier des jeunes enceintes et jeunes mères et jeunes pères, il est apparu important de soutenir la mise en pratique d'un projet de vie qui soit compatible avec les nécessités et les exigences qui se posent chez ces jeunes en tant que mère/père et en tant qu'adolescent.

Ainsi, les accompagnements de ces jeunes abordent des thèmes comme, la préparation à l'accouchement, les soins et l'hygiène du bébé, les appuis et droits sociaux pendant la grossesse ainsi que pendant la maternité/paternité ; nous abordons aussi la gestion financière ; la promotion d'un projet de vie avec formation et emploi ; la sexualité et la contraception ; l'allaitement et l'alimentation du bébé ; le développement infantile ; la promotion de l'estime de soi de l'enfant ; l'attachement entre père/mère et bébé ; la communication avec le bébé ; les questions sur l'apprentissage à travers le jeu et le ludique ; les questions de discipline et de gestion des comportements ; résolution de conflits entre la dualité d'être parent et adolescent.

En 2008 nous avons accompagnés 11 mères et pères adolescents, ayant eu un échange avec les assistantes sociales, la crèche de nounous et les autres services sociaux, l'équipe multidisciplinaire d'aide au tribunal, la protection à l'enfance d'Almada et de l'unité d'insertion dans la vie active.

² Psychologue à l'ASDL

En même temps il existe un groupe, le Groupe de Réflexion et de travail sur la Grossesse et la maternité à l'adolescence. Pendant l'une de ces rencontres, le thème abordé a été la «Paternité à l'adolescence», organisé et dynamisé par l'ASDL, avec un bilan très positif de la part des institutions participantes. Cela pourra être intéressant d'en débattre à nouveau dans un futur proche, car ce n'est que pendant ces toutes dernières années que la recherche s'est penché sur les questions (surtout celle élaborer sur le terrain) en rapport avec la paternité, le rôle d père, les préoccupations, les anxiétés, les angoisses (ou leur absence) de ces éléments masculins. L'équipe technique de ce projet voulant se décentrer du côté du maternel a commencé à intégrer dans ses activités le «père adolescent».

Il y a là une tentative de changer les paradigmes dans cet univers de la reproduction, qui est encore très intimement associé aux femmes et aux filles et exclu le rôle du père ou bien ne tient pas compte de sa souffrance : voir la pression exercée pour qu'il soit un bon chef de famille et soit un bon pourvoyeur d'argent pour le soutien familiale et le peu de place qui est faite pour que le futur père soit envelopper dans le processus de la grossesse et assister à l'accouchement, par exemple.

Un cas qui peut illustrer quelques unes de ces dynamiques, c'est le cas de Joana et d'André, noms fictifs de deux jeunes qui sont accompagnés par l'ASDL et dont je vais faire l'exposé :

Joana é une jeune fille de 15 ans qui est tombée enceinte après avoir rencontrer André de 18 ans, pendant une fête d'Été. Ils s'étaient déjà rencontrés dans d'autres fêtes de la communauté angolaise, mais ne s'étaient jusqu'alors jamais parler. André avoue qu'il ne se sent pas encore prêt à être père. Il n'avait pas fait de projet dans le sens de vivre avec Joana comme un couple avec une fille. Il sait qu'il lui faudra être responsable, mais en même temps il trouve qu'il a encore « beaucoup à vivre et à s'amuser », pour rencontrer d'autres « filles ». Ils ne se présentent pas comme un couple de petits amis, il s'est agit seulement d'une passade d'Été et s'est arrivé car nous avons étés « cons ». À son tour Joana, tout en étant inquiète, disait se sentir prête pour la maternité. Depuis toute jeune qu'elle prend soin de bébés : cousins, neveux, frères, car la famille est nombreuse. Elle dit encore que dans « sa famille les femmes sont aptes pour ça ». Elle

pense qu'elle sera une bonne mère. Ces peurs sont celles de perdre les amis d'école, de perdre l'année scolaire et l'occasion d'une formation qui puisse lui donner des garanties d'un futur meilleur. Par ailleurs elle a peur que le jour de l'accouchement il lui arrive quelque chose à elle ou au bébé. Elle est partie vivre chez André par imposition familiale. Au début, la relation avec la belle-mère n'était pas très bonne. Chez cette femme, une partie de la famille est originaire de Guinée Bissau, il y a donc eu un choc culturel, qui selon Joana a été considérable. Au début elle ne mangeait pratiquement rien, n'étant pas familiarisé avec la façon dont ils cuisinaient les aliments. Elle se montrait craintive en imaginant que cela pouvait apporter bien de discussions au sein de la famille. En dépit du fait de se sentir une intruse, elle se disait bien accueillie par la belle-famille. Certaines compétences furent travaillées avec ces jeunes dans le sens de les préparer à la grossesse et à l'accouchement et à trouver des formes efficaces pour gérer les conflits familiaux et gérer les appuis sociaux. Tout au long de la grossesse, la relation de Joana avec sa belle-mère s'est améliorée alors qu'André est parti de la maison pendant quelques temps afin d'aller travailler et de réunir un peu d'argent. Ce jeune se sent responsable vis-à-vis de sa fille, mais il ne se sentait pas encore prêt. Travailler ou trouver une formation s'est obligé, mais il se trouve encore trop jeune, trouvant que Joana est mieux préparée et plus soutenue pour la naissance du bébé qui est plus à elle qu'à lui...

